

COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

# MUDAM-SE OS TEMPOS

por

Jorge Baptista

Palestra proferida pelo autor  
na Comunidade Portuguesa de Eubiose  
em 17 de Novembro de 2001

COLECÇÃO ·  · SIRIUS

Ao Arquitecto Jorge Baptista agradece-se a publicação deste texto  
Autoriza-se a reprodução parcial desde que citada a origem

---

# MUDAM-SE OS TEMPOS...

## INTRÓITO

Conta-se que estando um discípulo a preparar um trabalho para apresentar a seus irmãos, e sentindo uma certa vaidade em abordar e insistir em temas que eram novos, passou por ele o Mestre e disse-lhe ao ouvido: “Aquele que quer dar nas vistas, arrisca-se a mostrar mais de que aquilo que lhe convém”.

A partir de quando tive conhecimento deste relato, sempre que preparo uma conferência, passei a interrogar-me sobre os verdadeiros motivos que me levam a fazê-la e qual a atitude que estou a tomar; analiso se é o desejo de auxiliar os que, em tais assuntos, sabem menos do que eu, ou se é uma projecção exibicionista da personalidade. Este exibicionismo que já foi forte, em tempos, foi diminuindo e já é quase inexistente. É difícil destrinçar entre o que é novo e conveniente de dizer e a necessidade humana de exibição para ser admirado e considerado, para sentir-se importante. Também procuro verificar se não estou a correr o risco de mostrar mais do que aquilo que convém.

Pensei e reflecti sobre a oportunidade e a valia da presente palestra e cheguei à conclusão de que não só é oportuna, como é um imperativo de consciência e uma necessidade nos tempos que correm.



# MUDAM-SE OS TEMPOS...

(AQUÁRIO – a Era em que entramos)

Quando era menino, por volta do ano de 1940 e em Leiria, minha terra natal, membro da Mocidade Portuguesa, como era obrigatório na altura, fui levado, com muitos dos meus discípulos de Escola, ao Liceu Rodrigues lobo, onde fomos ouvir o padre Galamba de Oliveira (o mais velho), perorar sobre moral e não sei que mais... mas de que, naquela tenra idade, me ficaram na memória, dois temas: – “Os mortos mandam”, se não me engano, de Blasco Ibañez, muito em voga na altura por seu livro – “Deus lhe Pague”. Do outro tema recordo, e nitidamente, a frase trovejada pelo padre – “Destruir velho para construir novo é comunismo”. Dois temas que se reduzem ao mesmo.

Este era o espírito geral que o reaccionarismo de todos os tempos, tanto político como religioso, de mão dada como fascismo instalado, procurava incutir e até ampliar naqueles que, uns por inocência, outros por oportunismo, e ainda outros com estas duas razões à mistura, aderiam a tal espírito de subordinação dos povos a umas pretensas classes superiores, quer de entidades vivas quer de mortas, de diversos graus de pretensa superioridade, de pretensas hierarquias, inventadas umas, autoproclamadas outras, produtos da ignorância do que é uma Hierarquia, cujo conceito foi deformado e, no fundo, um belo pretexto para domínios e explorações social, económica, política, tanto físicas como psíquicas, todas juntas ou em separado, conforme a sede de auto-importância que cada explorador sentia.

Isto deu como fruto, apesar de alguns, extremamente raros, belos acontecimentos, um estado de ignorância e incultura em que o país mergulhou, com raras exceções por parte de cientistas, escritores e artistas que o regime, na altura vigente, ostracizou, quando não assassinou, o que também aconteceu, reduzindo um antigo e nobre país, tanto ao escárnio como à comiseração dos países de mente e coração abertos, mais coerentemente civilizados. Agora, não só no nosso país, mas por toda a parte, com maior incidência nos países com dirigentes políticos, sociais ou religiosos mais egoístas, isto é, mais ávidos de importância, de domínio, mais fanáticos e intolerantes, tal espírito ainda se sente, pois não desapareceu, como se pode verificar a todos os níveis e maiores ou menores extensões dos muitos e variados agrupamentos mundiais.

Podemos dizer que todos nós, os vulgares terráqueos, mas não só, alimentamos uma auto importância que traz como consequência, pois que deles é a base, o separatismo e a separatividade que nos conduz ao sofrimento. Mas uma coisa é a auto-importância que só a nós prejudica, uma espécie de loucura com que nos enganamos a nós próprios; outra é aquela que prejudica os outros, pois leva, o auto-enganado, às mais malévolas e degradantes opiniões e atitudes contra todos os que não pensam do mesmo modo ou não

são aliados das suas intenções e formas de agir. Foram criados vários “papões” com que, os que se querem dominadores, auxiliam os seus mantenedores, sequazes e, por igual, desejosos de mando. Aqui, no Mundo Ocidental e com o Cristianismo, existiram primeiramente Deus e o Diabo, com todos os seus corolários. Com a propagação das doutrinas filosófico-religiosas orientais, propagação, com muito raras exceções, feita por ignorantes, interpretadas e explicadas por outros mais ignorantes ainda, a estes papões veio juntar-se um terceiro – Karma.

Tudo na mesma como dantes: pecado, ofensa a Deus, cedência às tentações do Demónio e o justo castigo. Agora, além disso ou em sua substituição, temos a acusação de ofensa às leis, à suposta Grande Lei que ninguém sabe qual é e aos Mestres, com o justo castigo do Karma. Dantes – “Mundo, Demónio e Carne”; agora – Materialismo, Inteligência, Sensualidade, vieram juntar-se e ao grande pecado que é o Livre Pensamento. Se não fosse assim, como se aguentariam os exploradores? Fizeram-no durante o Judaísmo, depois no Cristianismo e no Islão. Acabaram por aparecer nas organizações pseudo teosóficas e noutras, pseudo místicas e pseudo ocultistas, mesmo que todas elas tenham o selo de garantia e qualidade do produto, mas que exploram a maior parte da humanidade.

Chang-Kai-Chek enchia os bolsos e mantinha sua alta posição, pregando e lutando pela manutenção dos velhos costumes, das antigas virtudes chinesas, todas alicerçadas no respeito e conseqüente obediência aos mais velhos e aos poderosos. Não podemos confundir reaccionarismo com conservadorismo, pois este também preserva muito do bom que foi conquistado pela humanidade ao longo dos tempos e ainda hoje é válido, mas é necessário separar o trigo do joio. O embuste e o engano é desenvolvido no meio reaccionário que não quer o progresso são da humanidade, não quer a resistência dos povos a todos os tipos de escravatura em que esses mesmos reaccionários, a uns quer manter, e a outros conduzir, se tal possível fosse. É exactamente a existência de pessoas livres o maior engulho que têm na garganta e contra as quais mais se encarniçam em perseguir e a destruir. Esses, sempre que falam de Liberdade é para a denegrir, pois que esta é a qualidade que, juntamente com a do Amor mais os incomoda e, profundamente, odeiam.

Nem toda a exploração com que os homens se deliciam é económica, física, financeira e alimentar; também os exploradores se nutrem, pela alimentação do ego, da admiração e vassalagem que lhes é prestada, da subjugação às suas afirmações, opiniões e doutrinas que geralmente impõem ou pretendem impor, o que faz deles impostores, não só por imporem, como também, geralmente, pretenderem fazer passar por bom o que não o é, e quererem fazer-se passar pelo que não são; enfim, por serem mentirosos, hipócritas e caluniadores.

Não só na China mas também no Ocidente e não só no campo político, se propaga, se luta pelos velhos costumes e supostas virtudes, pois que dão também muito jeito aos medíocres e suas medíocres faculdades intelectuais, emocionais e espirituais, a quem se pode aplicar o dito “a ignorância é muito atrevida”, manterem um ascendente sobre outro tipo de ignorância que esses mesmos impostores, em vez de procurarem extirpar, procuram manter ou até a ela fazer regressar, aqueles que esforçadamente estavam ou estão a caminho de se libertarem. Para esse fim alguns recorrem a processos altamente negativos, sem escrúpulos de espécie nenhuma. Há quem afirme que dado o estado geral de ignorância política, e a necessidade dos povos conquistarem a sua carta de

alforria, é dada neste momento a primazia à politização dos povos. Claro que tal situação não é agradável aos exploradores de seus irmãos, em relação aos quais, porque se consideram muito importantes, não sentem qualquer espécie de fraternidade, embora alguns, na sua impostura, andem sempre com a fraternidade na boca, acusando outros de falta de fraternidade para com eles e seus capangas e, em nome dela, cometam toda a espécie de tropelias, julgando que nos enganam como se fôssemos cegos e não tivéssemos dado por isso, já há muito tempo.

Muitos dos que proclamam a separação da religião da política, invocando razões espirituais, como os que querem uma religião de estado, aproveitam-se dos preconceitos religiosos e dos medos pelos mesmos criados, para levarem a água ao seu moinho, para subjugarem os outros que não pertencem à capelinha, mas a ela estão sujeitos por suas crenças, e para isso lá estão Deus, o Diabo e Karma. Não se pode dizer que todos estão conscientes do multissecular embuste., mas consciente ou inconscientemente, nele participam.

São três as faces triangulares da Pirâmide que é o Senhor do Mundo com Seu Governo Oculto. Faces que se reflectem nas actividades humanas fundamentais e são departamentos que têm à sua frente seres tão exaltados como o **Manu**, o Legislador máximo da Hierarquia Espiritual; o **Cristo**, o Instrutor e Salvador do Mundo; e a terceira Flor de Lis, o Senhor da Civilização, conhecido como o **Maha-Chohan** ou Instrutor dos Mestres, como o título indica, está ligado às actividades culturais e civilizacionais da Humanidade. Todos estes três trabalham em conjunto, sendo um d'Eles, ciclicamente, o "primus inter pares" dirigindo os demais. Os departamentos do Manu e do Cristo são respectivamente o da Política e o da Religião. Isto deve ser esclarecedor para verificarmos que as actividades não são totalmente separadas, há sempre uma inter-relação, tendo cada "pessoa" mais inclinação para uma ou outra das três linhas gerais de actividade, raramente para duas e mais raramente ainda para as três.

Não vamos fazer propaganda de nenhuma organização chamada teosófica, nem espiritual, dados os aspectos sectários para que têm sido encaminhadas por alguns dos seus importantes dirigentes, num sectarismo que não é uniforme, mas que é, mormente religioso, budhista, cristão, ou até materialista, (no sentido da incompreensão da existência do que está para lá dos sentidos físicos e do não ser sensível ao sexto sentido unificante) conforme ao que se inclinam esses próceres, porém, usamos os termos mais comuns da Teosofia, por comodidade de exposição.

Quem, publicamente, nos fala de um Governo Oculto do Mundo é, na sua secção semi-esotérica, a Ciência das Idades, de que o Ramo talvez mais importante é conhecido mais vulgarmente por Teosofia. Esta é, para além de outras definições que lhe atribuem, a Sabedoria dada aos homens pelos Deuses, os Theoin, que no seu aspecto mais alto, são aquelas partículas de energia que foram, através de Eons, obtendo consciência e conhecimento, até que, tendo atingido o estado de Espíritos Planetários, vieram a construir e dirigir mundos. A Teosofia tem como campo de estudo os citados três departamentos da actividade planetária, pois leva o teosofista, possível futuro teósofo, ao estudo e ao verificar da formação e evolução do Mundo, principalmente do planeta Terra. Toda a sua evolução foi política, religiosa e social, e a Teosofia mais antiga abordava estes três aspectos. Ainda o faz nos seus níveis mais profundos, mas a desgraçada palavra Teosofia com a sua raiz Teos, que a maior parte dos seus membros, no plano externo, provenientes das religiões exotéricas, confunde com o Deus dessas

religiões, empenham-se só no departamento do Bodhisattwa, Cristo ou Budha, conforme a tradição em que estão inseridos esses mesmos membros, onde foi criado um clima geral de mentalidade teísta, que desvirtuou a compreensão da Teosofia. E daí, por seu sectarismo e ignorância, aceitam a abusiva exclusão das matérias dos outros departamentos do Governo Oculto do Mundo, que leva os teosofistas a um progressivo aumento da ignorância e do sectarismo teosófico. A atitude é abusiva mas compreensível, visto o Raio dominante do actual Sistema Solar, levar ao desenvolvimento e predominância da consciência psíquica e à da grande mediação religiosa, ou da Alma, o que é correspondente, na actividade planetária, a uma espécie de deformação profissional.

Não se confundam planos internos e externo com as chamadas Secções ou Escolas Internas e Externas das chamadas Organizações Teosóficas. Em ambas as secções há aqueles que funcionam, uns nos planos externos, outros nos internos, e há aqueles que ainda nem sequer deviam ser membros, mesmo como os mais primários de qualquer organização teosófica pois não têm estrutura psíquica para estudarem e compreenderem Teosofia. São exactamente aqueles com menor estrutura psíquica que caem, com mais facilidade, nas garras dos que, vazios, se querem impor. São aqueles a quem um instrutor teosófico chamou «impúberes psíquicos», aqueles que estão sujeitos a toda a espécie de medos e credices.

Estes são também os mortos-vivos que pretendem mandar, que pretendem aparentar ser muito progressivos e cheios de compreensão da modernidade e do futuro, mas que defendem as ultrapassadas atitudes de que não conseguem ir além, de um passado já morto na sua vitalidade de antanho. Para eles, também, «os mortos mandam», ainda que suas funções vegetativas, mas só essas, estejam activas.

Para eles o Conhecimento Espiritual, o Mundo e a Humanidade são qualquer coisa de estático que não muda, encarcerados desde sempre e para sempre, sem possibilidade de alteração. Ora isso é exactamente o contrário do que a Teosofia ensina. A Teosofia ensina que os universos sucessivos são dinâmicos, que nunca houve nem haverá um princípio nem um fim, mas tão somente etapas e recomeços da eterna, infindável corrida, donde nunca poder haver uma “toda a verdade” absoluta

A verdadeira e mais profunda Teosofia não é propriedade exclusiva de ninguém nem de uma qualquer organização terrestre visível, embora se possa difundir através de algumas. Sua origem é celeste, daquele espaço de consciência que se chama Segundo Trono ou Segundo Logos, embora aquele seja o Trono em que Este se assenta e que tem sua reflexão no principal Centro da Terra, Palácio-Santuário com diversos nomes, conforme as várias tradições planetárias – Amenti, Duat-Agartha, Shamballah e outros ainda...

Há uma razão para que os *manuals* de ensino de diversos ramos de Teosofia e Ocultismo, comecem por dar uma noção dos quatro elementos. A Terra é o elemento no qual agem os outros três – Água, Ar e Fogo – respondendo às funções apontadas na Tábua de Esmeralda – ...O Sol é seu **Pai**, a Lua sua **Mãe**, o Vento o **Porta em seu Seio** e a **Terra** é sua **Nutridora**...

A Água traz o Misticismo proveniente da Índia e do Tibete, relacionada com a Via Húmida dos alquimistas e que no Ocidente é expressa, exotericamente, pelo deformado

Catolicismo. A **Via Seca** é a do Fogo, e teve seu principal centro no Egito, onde deu origem aos Rosacruzes e à Franco-Maçonaria. A via do Ar ou do Vento, (o Vento sopra onde quer) alenta o Fogo, dá-lhe vida e paira sobre as Águas, expressão psíquica dessa mesma Vida. Talvez venha a ser por intermédio deste elemento, o Ar, que por fim se consiga a sempre falhada tentativa da junção dos filhos de Set com os Filhos de Caim, ou sejam os Filhos da Água com os Filhos do Fogo, e se cumpra a injunção do Anjo da Guarda – « Dai-vos uns aos outros ». Seria o trabalho conjunto de Hiram-Abif e de Salomão, de Jesus e de Cristian Rosencreutz.

Contudo, obedecendo à Lei, estas duas correntes continuam em seus aspectos exotéricos, a degradarem-se, pois neste aspecto, o da exterioridade e da maior ilusão, ambas estão deformadas; mas esotericamente completam-se uma à outra, pois a essência que a Taça do Santo Graal contém em seu interior é Mercúrio, o Andrógino, Água e Fogo. Terminou a guerra dos sexos e eles convivem harmoniosamente, consumando de maneira natural e sem preconceitos, o seu desejo dum pelo outro, sem o qual não há vida manifestada, nem equilíbrio das funções vitais, tanto físicas como psíquicas. Quando se fala da “função sagrada da geração”, o profano não leva em linha de conta que geração não é só a obtenção de filhos corporais pela reprodução da espécie, mas também a regeneração do tecido celular de seus próprios corpos físicos já formados e de reequilíbrio do sistema nervoso, como a própria medicina indica, para não falar da regeneração psicossomática do homem degradado, e que tem a ver com um paralelo progresso espiritual a obter.

O tempo cósmico que tem a ver com a Realização da Vida na sua eterna irradiação e expansão, processa-se por etapas, cada uma com outras dentro de si, subdividindo-se sucessivamente dentro do Propósito e do Plano e dos planos que as consciências mais altas e directoras, com a responsabilidade inerente ao seu posto, digamos assim, com altos e baixos de realização, conforme os ciclos e a respiração das energias quantitativa e qualitativamente consideradas.

IHS ou JHS, é uma sigla que, geralmente, aqueles que olham para os portais de algumas Igrejas já viram, assim como na iconografia religiosa, principalmente católica. Podemos dizer que é transposição para o latim da sigla atribuída a Baco, o Deus grego Dionysos. Entre os muitos significados que pode ter e além dos potenciais mágicos materiais e espirituais que pode representar, interessa-nos aqui chamar a atenção para o facto de designar a Sabedoria Espiritual Ternária, a Alma Suprema donde todas as outras derivam e que se manifesta, quando avatarizada no seio da humanidade como uma entidade pessoal e vivente, conhecida na tradição cabalística pela sigla genérica de INRI, embora, através dos tempos, estas personalidades se apresentem com diferentes nomes.

Segundo JHS, numa das alturas em que esteve sobre a Terra, a Era de Aquário começou no ano 2000 e vai durar 32000 anos.

Vê-se por aqui, que este Aquário não é só a terceira etapa do grande Ciclo de Áries que se divide em três períodos: o 1º: Carneiro-Balança; o 2º: Peixes-Virgem e o 3º: Aquário-Leão; mas que, além desta terceira fase, acumula toda a Grande Idade de Aquarius que chega e sucede à Grande Idade de Piscis, de 25000 anos, e que agora termina.

Daqui estarmos numa época muito especial e que agora, se tem caracterizado, cada vez mais, como um “Fim de Ciclo apodrecido e gasto”. Estamos sob a influência de dois ciclos astrológicos, um a acabar e outro a começar, portanto, num período de extrema dificuldade em que as influências de Peixes e de Aquário se entrecrocaram, produzindo dificuldades e confusão, como a que, já há anos, se verifica no Planeta. Novas energias actuam com mais intensidade do que até aqui e, entre elas as próprias de Urano, um dos planetas regentes do signo da Aquário.

Uma das actividades que mais influência tem na formação e transformação da alma é a música. Torna-se necessário o hábito da audição de música moderna para libertar a alma das fixações das formas pisceanas e para os povos se habituarem aos novos ritmos; mas é necessário separar o trigo do joio e insistir sobre a música de qualidade nas suas diversas formas, das populares às eruditas, e tentar compreender que as formas tradicionais, quer clássicas quer românticas, etc., (quem percebe disso são os músicos) têm um carácter de classe, próprio das épocas em que foram feitas e apreciadas. Trata-se de um gosto (não se discute se foi bom ou mau) imposto pelas classes dominantes. São hoje, se em única audição, um sinal de atraso cultural numa idêntica atmosfera de atraso que se mantém. É preciso, pelo menos, entender a música moderna americana, tanto erudita como popular (nomeadamente o Jazz). Os sentidos precisam de ser alimentados com formas novas, aquarianas. Formas que traduzam o nascente espírito de uma época; da época em que entramos.

Tem havido uma degradação cultural artística com um pernicioso regresso ao passado, nas Artes plásticas, decorativas, música... Os espectáculos televisivos, na sua maior parte, são horrorosos., sem qualidade cultural de qualquer espécie. É preciso estudar as causas desse desvio, compreender o fenómeno e dar-lhe remédio.

A época é de apelo a todos os intelectuais e “sensitivos” para que se deixem de sectarismos e façam esforços no sentido de alterar este estado de coisas. É preciso clarificar e esclarecer sobre a marcha progressiva da humanidade e Aquário. É preciso, com urgência, insistir sobre a acção melhorada daquilo que toca mais directamente a alma humana e habituá-la à qualidade. Ensinam-nos textos ocultistas que num longínquo período da formação da Terra, chamado Época Hiperbórea, o homem a fazer-se, era semelhante a uma planta e bissexuado; ele estava apto a reproduzir-se a si mesmo, sem necessidade de cooperação estranha, mas ele não tinha cérebro e portanto era incapaz de pensar. No outro período formativo que se seguiu, a Época Lemuriana, uma hierarquia de anjos dirigiu a metade da sua força sexual para a parte do corpo que é agora a cabeça e serviu-se dela para a formação do cérebro e da laringe. O homem é incitado a levar a cabo a função geradora que lhe dá filhos físicos pelo raio de amor de Vénus, da mesma maneira que o raio da razão, emanando de Mercúrio é o factor da criação dos filhos de seu cérebro, cuja expressão verbal se faz pela laringe. Mercúrio e Vénus criam, cada um por seu lado, um sobre o Plano Mental, e o outro no Plano Físico.

O raio de amor de Vénus vai para o cônjuge e aqueles com os quais está ligado pelo sangue. Por um bom aspecto com Urano pode ser elevado acima do domínio do amor físico a alturas cósmicas, e tornar-se um amor semelhante ao que o Cristo sentiu quando chorou sobre Jerusalém, dizendo que “como uma galinha junta seus pintainhos sob suas asas, assim teria ele amado juntá-los no seu seio”. As pessoas que têm este amor uraniano tornam-se edificadores de sociedades, associados a todos o movimento utilitário ou de reedificação. Ao contrário, um aspecto adverso de Urano a Vénus tem o

efeito mais degradante que possa haver sobre a função de Vénus e conduz ao desprezo das leis, das convenções sociais, e à perversão da função sagrada da geração.

Amor é uma palavra de que muito se abusou, e a emoção com, que por este nome, é ordinariamente qualificada, é de tal maneira tingida com desejos, que ela é mais a paixão marciana que o amor venusiano. A palavra-chave de Vénus é coesão, sugerindo uma união muito íntima, a fusão mesmo das almas de dois ou vários membros que compõem a família. Altruísmo, a “palavra chave” de Urano, sugere um amor universal, tal como Cristo sentiu. Urano é portanto a oitava de Vénus e quem quer que esteja prestes a entrar na senda de preparação que conduz à Iniciação deve aprender a transmutar gradualmente o amor de Vénus, confinado ao círculo íntimo da família e cultivar o amor universal do altruísmo uraniano.

O altruísmo não exige nenhuma reciprocidade do amor que dá; não tem nenhuma relação com o sexo; não diminui o afecto que sentimos pelos membros de nossa família; pelo contrário, estes mais perto de nós sentirão melhor o acréscimo de nosso amor do que aqueles que estão mais distantes. A menos que nosso amor não dê tais frutos, ele não é uraniano e não nos ajudará no caminho da perfeição.”

Texto e comentários mostram-nos que o amor tem uma série de expressões, desde o que tem a coloração marciana do desejo, sem o qual, o acto sexual não é procurado, pois é função cósmica do desejo “levar à acção”, e seria sim um acto mecânico, impróprio de seres humanos, mas sim de elementais e de seus dirigentes os anjos. O amor, sob influência jupiteriana demonstra amor paternal nas suas variadas formas e o amor familiar. O amor uraniano toma uma expressão altruísta, isto é, dizendo de uma maneira simplista, em favor dos outros. Outras maneiras de amar, ainda mais profundas e cósmicas serão descobertas e praticadas pelo homem em evolução, e aqui deixo esta declaração sublinhada como um dos objectos de meditação dos discípulos.

Como diz Krishnamurti:

“O amor e a compreensão não são produtos do intelecto. O amor não é para ser dividido artificialmente em amor de Deus e amor do homem. Se assim pode ser dividido, não mais é amor.”

Compreendamos: O amor é a qualidade fundamental do Plano chamado Búdico, Crístico ou do Espírito de Vida, aquele plano muito especial de separação e unificação, conforme o sentido de desenvolvimento da consciência em evolução, mas em que a característica de Amor, de coesão, é dominante, onde, em si mesmo, não há separação.

Mas nos planos em que o homem evolui há diferentes expressões do Amor; isto é, ou há amor ou não há, fundamentalmente o mesmo; nos níveis em que é aparente pode ser amor ou um arremedo, ou ainda um embuste, isso depende do coração e do grau de consciência de cada um. Não devemos confundir o Real com o aparente. Libertemo-nos do preconceito e mais uma vez “Não julgueis para não serdes julgados”.

De que modo podemos nós, seres humanos, vulgares, mas interessados, alguns teósofos e esoteristas, que, teoricamente terão mais preparação, fazer isso? As energias cósmicas, solares, planetárias e humanas estão lançadas e actuam; fazem sentir a necessidade de mudança e já dão o impulso para a mudança. O processo parece paradoxal, pois se por um lado é necessário abandonar sectarismos e compreender que cada um é um, por

outro lado é preciso saber discernir, discriminar e empenhar-se a fundo e sem desvios, no tipo de actividade que mais lhes diz para a sua colaboração particular no avanço e construção do Todo, até porque só este paradoxo lhe permite desenvolver um trabalho cada vez mais positivo e abrangente nos seus resultados. À atenção, ao estudo, às disciplinas, ao serviço, é necessário juntar o “Dai-vos uns aos outros” que é o verdadeiro serviço.

Aqui, no entanto, tende cuidado, pois os cordeiros ainda não podem andar juntos com os lobos. Arriscam-se a ser comidos! Não se pode abraçar o idealismo sem um sentido profundo da realidade, e não nos esqueçamos que andam por aí muitos lobos com pele de cordeiro. Além disso, é preciso separar as ovelhas das cabras, não pelo sentido que vulgarmente se lhe dá, porque o trabalho e métodos de evolução de uns e de outros, de que são símbolos, por exemplo, Carneiro como ovelha e Capricórnio como cabra que, no seu sentido mais esotérico, são diferentes e têm a ver com as épocas em que as sucessivas humanidades adquiriram os seus Egos.

Portanto, acordemos para nós próprios e verifiquemos, se têm razão de ser ou não, os velhos princípios que nos foram inculcados e, conforme achemos, passemos a aceitá-los ou não. Conheçamo-nos a nós mesmos, o que até pode começar por descobrirmos porque aceitamos ou negamos isto ou aquilo, porque fazemos assim ou assado. é com este fim que a leitura de Krishnamurti é importante, pois muito nos ajuda a descobrir o nosso próprio método.

Aqueles que se sintam vocacionados, que sintam dentro de si o apelo da Fraternidade Universal da Humanidade para auxiliarem os seus semelhantes, os seus irmãos, o resto da humanidade e, primeiramente, aquela mais carecida de auxílio, devem começar já a ter atitudes concretas de boa vontade, não necessariamente ostensivas, mas reais, e passar à “vontade de bem” que pressupõe um conhecimento mais profundo do homem e do universo e das suas poderosas energias. Isto traz consigo a necessária formação de grupos, para se irem esclarecendo uns aos outros, salvaguardando-se da tendência para a formação de capelinhas dogmáticas e sectariamente padronizadoras, o que acaba por ser o contrário do que se pretende, não só por esclerosamento da mente, como por se tornar uma organização que vem a ser mais importante que a obra a que se dedica e, assim, acaba desvirtuada.

Fazer isto precisa de uma nova mentalidade, de uma abertura à vida que geralmente não se verifica, e agora mais difícil ainda é, porque estamos a entrar na Era de Aquário, com algumas energias totalmente novas e, agora, em força, a exigir um rompimento com o passado. São necessários sacrifícios. Uma grande vigilância de nós próprios e um sacrifício dos hábitos, de há muito, estabelecidos.

Aquário é o Anjo, o elemento aéreo, o volátil que derrama a Água da Vida. Temos falado muito, através dos tempos e mesmo sem compreender de Anjos. É altura de nos debruçarmos sobre o Leão, o seu complemento que do centro da Terra sobe para com o Anjo se fundir. É agora possível descerrar o véu do Templo Matriz, pois que o Grande Instrutor não só dá autorização para tal, como o deseja profundamente. Os aspirantes a espiritualistas do presente têm que sobre ele se debruçar, pois é este o caminho de agora, a par do de todos os tempos – desenvolvimento sucessivo de Inteligência, Amor e Vontade.

...

Com a aproximação da Era de Aquário, apareceram à face da Terra e a seguir a HPB, dois instrutores que, cada um a seu modo e, aparentemente, de maneira contraditória, vieram alargar as novas perspectivas e horizontes mais largos, proporcionados por HPB com seu ensino teosófico.

Ambos, Krishnamurti e Henrique José de Sousa insistiram no já antigo ensinamento dos Mestres – “não procureis fora o que está dentro”.

Krishnamurti, influenciado pelos Devas da Constelação de Aquário, insistiu numa nova atitude mental perante a vida, na atenção imediata ao que nos rodeia e a nós próprios, em caminho à liberdade total, sem reservas de qualquer espécie.

Henrique José de Sousa, veículo de JHS, o “Três em Um”, insiste em, além desta vigilância dos sentidos, no conhecimento profundo de Teosofia, para a constituição das Hierarquias que constituem o Sistema Solar e nosso Esquema Planetário, nas suas ordens arcangélicas, angélicas, humanas, e não só, com especial relevância para os chamados “Mundos Subterrâneos” ou Interiores e de seu polo central, Shamballah, o ovo com a semente, a partir do qual se desenvolveu e cresceu o nosso planeta, a Mãe Terra, Gaia, Mater Rea. Este conhecimento dos mundos subterrâneos, o chamado “Mistério de Agartha”, proibido durante muito tempo, era um dos segredos cuja violação trazia a morte ao seu profanador. Hoje, é o próprio JHS quem insiste na necessidade de sua divulgação, e pede a seus discípulos que o divulguem e nele insistam. Estes discípulos referem-no a outros que por sua vez, também, deles falam.

Pelo meu lado, nalguns escritos e conferências, tenho-lhe feito ténues alusões, porque a matéria é difícil, muito mal conhecida. Dela, na literatura religiosa e nas lendas dos povos, geralmente só se lhe faziam referências míticas como a Shamballah, Agartha, Paradesha ou Paraíso Terrenal, Amenti, Duat, Walhalla, Ilha de São Brandão, Ilhas Afortunadas, etc., etc.. Hoje pode saber-se mais, graças, para já, às revelações de JHS., divulgadas através das actividades e da literatura publicada pela antiga Sociedade Teosófica Brasileira, que inspirou as instituições eubióticas que dela saíram.

Podemos agora, compreender melhor ensinamentos da Doutrina Secreta de HPB que, referindo-se a mistérios ligados a Maitreya e seu Advento, diz:

“Aqui está o segredo de tudo isso. Há ciclos dentro de outros ciclos maiores, todos contidos no Kalpa de 4.320.000 anos. É no fim deste ciclo que se espera o Kalki Avatara cujo nome e características são secretos, mas que virá de Shamballah, a “Cidade dos Deuses”, situada no Ocidente para algumas nações, no Oriente para outras, e no Setentrão e no Sul para outras ainda. Esta é a razão porque, desde o Rishi indiano a Virgílio, desde Zoroastro à última Sibila, todos, a partir do início da Quinta Raça, profetizaram, cantaram e prometeram a volta cíclica da Virgem (Constelação Virgo) e o nascimento do Deus-Menino para restaurar a Idade de Ouro na Terra.”

E mais adiante, extraído do Vishnu Purana, acrescenta:

“Quando as práticas ensinadas nos Vedas, as boas instituições estejam a findar, e se aproximar o termo do Kali-Yuga (a Idade de Ferro de Virgílio) um aspecto daquele Ser Divino, que por sua própria natureza espiritual

existe em Brahmâ, e é o princípio e o fim (Alfa e Ómega)... descerá sobre a Terra: ele nascerá da família de Vinhnuyashas, um eminente Brâmane de Shamballah... dotado dos oito poderes sobre-humanos. Com sua força irresistível destruirá... todos aqueles cujas mentes estiverem votadas à iniquidade. Depois restabelecerá a justiça na Terra, e as mentes dos que viverem no fim da idade Kali ficarão despertas e translúcidas como o cristal. Os homens, assim transformados por virtude dessa era singular, serão como as sementes de seres humanos (os Shistas ou sobreviventes do cataclismo futuro) e darão nascimento a uma raça obediente às leis da Krita Yuga (ou Satya Yuga, a Idade de Ouro ou Idade da Pureza). Porque está escrito: Quando o Sol, a Lua e Tishia (os asterismos ou constelações) e o planeta Júpiter se acharem numa mesma casa, a Krita Yuga (a Idade de Ouro) ressurgirá.”

Os Gregos chamavam **Campos Elísios** à deliciosa mansão de felicidade destinada aos bem-aventurados, isto é, as almas das pessoas virtuosas. Por esses campos corria o Letes, cujas águas faziam esquecer as amarguras da vida. Os Assírio-Caldaicos chamaram-lhes **Campos Felizes**, que estavam entremeados com o seu **Hades**. O “Reino do mundo inferior era o domínio do Deus Hea, e o **Hades** das lendas assírias estava situado no mundo inferior e era regido por uma deusa, Nin-Kigal, ou a «Senhora da Grande Terra, deusa que também era chamada Allât»”.

Uma inscrição exprime que «depois dos dons destes presentes dias, nas festas da terra do céu argentino, dos resplandecentes palácios, a mansão de beatitude, e na luz dos Campos Felizes, pode ele morar na vida eterna, gloriosa, em presença dos deuses que habitam a Assíria». Ishtar, a bela deusa, desceu ao Hades depois de sua amada Tammuz, e viu que este lóbrego lugar das sombras tinha sete esferas e sete portas, em cada uma das quais tinha ela de deixar algo que lhe pertencesse.

Nem o **Hades** nem o **Amenti** eram o inferno que ainda predicam alguns sacerdotes e clérigos retrógrados, mas está representado pelos Campos Elísios e pelo Tártaro, sendo este assinalado como lugar de obscuridade completa, parecido com a região do profundo sono sem sonhos do Amenti egípcio. O Ritual Egípcio descreve o barqueiro Caronte e a sua BARCA muitos séculos antes de Homero e diz que o rio deve cruzar-se antes de alcançar a Ilha dos Bem-Aventurados.

Na tradição escandinava, tal região tem o nome de Asgard, chamado o “Reino” e residência dos deuses escandinavos, o Olimpo escandinavo; “situado mais alto que os Elfos de Luz”, mas no mesmo plano dos perversos gigantes versados em magia, com quem os deuses estão em guerra perpétua. Os Deuses de Asgard são os Suras e os gigantes os **Assuras**, ou Sírios e Assírios (apresentados como bons e maus nos relatos exotéricos sobre a matéria proibida). Começamos a perceber porque Jesus desceu aos Infernos e também porque alguns dizem que está num corpo Sírio.

Justifiquemos o título “Mudam-se os tempos” e acrescentemos o corolário “Mudam-se as vontades”. Ganhemos a vontade de largar o passado e voltemo-nos, conhecendo presente, para o futuro que já aqui está. Larguemos os mortos e debrucemo-nos sobre o ensinamento vivo da Era do Espírito Santo, que tem a ver com o aspecto feminino da Manifestação de Deus, a nossa Mãe Terra, lembrando o mantran próprio da Constelação da Virgem, Constelação do Mental, “Eu sou a Mãe e o Filho, Eu Deus Matéria sou”.

Há mais um aspecto para o qual desejo chamar a atenção e que em minha opinião, é muito importante considerar com a maior atenção nesta entrada em Aquário.

“Evolução sim, revolução não!”

É o slogan proclamado em meios aparentemente progressistas e, na realidade, bem reaccionários, onde é exibida uma falsa imagem de caminhar em frente, mas fazendo o possível para que tudo fique na mesma. Onde impera o medo do desconhecido e de serem apeados do burro em que, há muito, se acham montados. Isto pode ter a ver com as opções políticas, mas tem muito mais a ver com opções de vida e um estado cultural. A cultura que vem sendo desenvolvida e que condiciona o comportamento real e ideal das pessoas tem sido, nos seus avanços, desviada do seu curso natural de libertação do homem para o reconduzir a uma escravatura, uma sujeição ao que já por demais está e, a todo o custo se deseja manter, e isto porque paralelas e entremeadas com as linhas de desenvolvimento, encontramos naturalmente, as espiras de degeneração.

Desejam-se melhores condições para todos, mas para já... não! que no meu ninguém mexe. No meu dinheiro, nas minhas posses, nos meus hábitos, nas minhas convicções, nas minhas comodidades., quer físicas quer psicológicas, ninguém toca. Aos poucos e poucos está bem, pois posso morrer (que alívio e que chatice) e os outros que se amanhã e dêem cumprimento ao belo ideal.

A evolução obedece às Leis da Natureza, é inconsciente; e faz parte da mesma natureza a retrogradação, a manutenção do “status quo” é impossível, ora se avança, ora se retrograda. A evolução natural é um desenvolvimento automático, sem mérito para o homem. O homem só o é, verdadeiramente, quando desenvolve a auto-consciência e com ela, o sentido de escolha, assumindo a responsabilidade do seu desenvolvimento, a responsabilidade de errar e de acertar. E é quando, com o produto do seu esforço, faz uma escolha e assume uma livre responsabilidade, que o homem passa da simples evolução inconsciente à Revolução, à Transformação, ao estado de um Colaborador Consciente de Deus, ou melhor, a descobrir que ele mesmo é o Deus Todo, expresso como uma partícula Sua (a Centelha da Chama dos textos teosóficos) e agora consciente da sua especialidade no Concerto Universal. O Deus todo ou o que queiram chamar à Vida que tudo é e tudo abarca e que, no actual nosso Grande Esquema de Manifestação, responde ao nome de Amor.

Se aqui tiverdes vindo e não mais ligardes ao que foi tratado, aparentemente, para vós não serviu para nada, mas também o mundo não acaba por causa disso; é só porque ainda não chegou a vossa altura.

Exorto-vos, aos que ainda não trabalham, de maneira consciente, com as energias do ser interno que criem um grupo ou grupos, não para a dilatação oca do Eu, nem para a vanglória de saber muitas coisas secretas, diferentes do conhecimento habitual, mas para o trabalho do futuro, a ter efeitos já, a favor do nosso Grande Grupo – a Humanidade – e também do Avatara de Aquário ou Apavanadeva e Maitreya-Budha.

Se vos empenhardes, encontrareis os meios que definem e levam a cabo o trabalho, em associação com os irmãos de Agartha, pois tereis dado a volta ao interruptor que atrai e une as consciências afins.

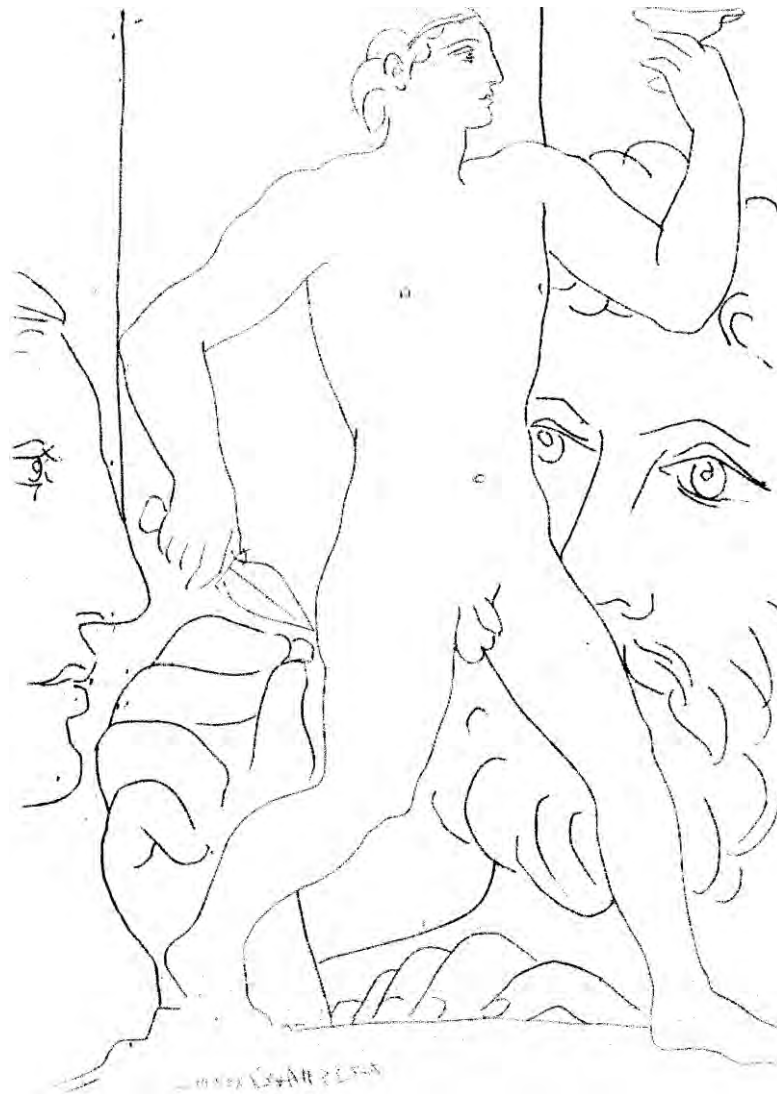
“MUDAM-SE OS TEMPOS, MUDAM-SE AS VONTADES.”

Entremos em Aquário com o pé direito. Mudemos para o salutar hábito de não ter medo; de não ter medo de ofender os homens e de ofender os deuses com falsas ofensas, que nos leva a não ser o que somos, a falsear tudo e a permanecer no mais terrível que há, que é não acreditarmos em nós próprios, o que faz com que nunca sejamos criadores e que falhe a nossa missão de acrescentar mais qualquer coisa de original à compreensão e ao fazer do Universo; a sermos livres, que é o bem mais precioso que um Deus pode desejar. E nós somos Deuses mas nos temos esquecido. Comportando-nos como tal, fixemos, reiterando constantemente, a frase proferida pelo Grande Senhor:

“Sou como a nuvem que se forma e tem muitos aspectos até se desfazer na água que cai.”

completada pelo mantram de Aquário:

“Eu sou a Água da Vida, vertida para os que têm sede”.



Desenho de Picasso

## DISCORRENDO

Enquanto não nos conhecermos a nós próprios não resolveremos nenhum mistério, pois é esse conhecimento que nos dá a chave da natureza do homem, dos outros reinos da Natureza, e do Universo em que existimos, nos movemos e temos o ser. Todos os escritos e ensinamentos orais, avulsos ou das mais variadas escolas, tão somente nos proporcionam meios para realizarmos essa descoberta fundamental. Eles são valiosos mas, ao mesmo tempo, não servem para nada se, por descoberta própria, livre e original, nós não chegarmos ao conhecimento de nós mesmos.

Dizem instrutores de algumas escolas espiritualistas que os homens estão destinados a serem dirigentes planetários, deuses que terão a seu cuidado a evolução de planetas e até de sistemas solares. O «Ensino das Idades» diz, por exemplo, através de Jesus Cristo: “Deuses sois e vos esquecestes”. Daqui que, no que à humanidade diz respeito, a vivência terrestre é a aprendizagem que efectuam esses mesmos deuses, a quem foi cortada a recordação da sua divindade, de seus conceitos adquiridos para, sem prejuízos e sem ideias feitas, poderem esses deuses que se foram revestindo de matérias diferentes, à medida que nelas se vão densificando, com as características e qualidades que lhes são inerentes e cada vez mais afastadas da pureza original de uma onda de vida que se manifesta e com a qual se associam. Não nos podemos esquecer que não há espírito sem matéria e que da sua interacção, que podemos considerar fricção, nasce a sensibilidade e desta se desenvolve a alma

Neste princípio de aprendizagem, essas escolas são mesmo muito úteis, mas a maior parte tem que mudar, pois ainda estão vocacionadas para um tipo de conhecimento lógico ultrapassado, que foi evoluindo a par e passo com o desenvolvimento das civilizações, com a mudança da capacidade de inteligência e de outros instrumentos de percepção; além de que essas escolas, exteriorizações de outras mais profundas, fazem uma separação muito acentuada do espírito e da matéria, são por demais idealistas e ligadas sobretudo ao departamento do Bodhisattva. Compreende-se essa ligação principal, se nos lembrarmos que o campo de actividade do Bodhisattva é sobretudo o do desenvolvimento da consciência psíquica, subjectiva e religiosa, e que o signo de Peixes, que dominou a época de que agora saímos, é um signo sobremaneira psíquico.

Agora, com a mudança, e aos poucos, a Água pisceana vai sendo menos importante do que o Ar de Aquário; ao psíquico substitui-se o mental e mais que um psiquismo emocional teremos um psiquismo aéreo. O significado disto é que passaremos das compreensões e atitudes emocionais para as mentais. Se até aqui predominou nos

humanos a sua componente animal, com Aquário crescerá o aspecto espiritual, tanto um como outro cobertos pelo divino, o Fogo da dominante Ária ou da Quinta Raça.

A lógica é um grande instrumento para a compreensão, mas também um grande obstáculo, pois a análise e conclusão lógica desenvolvem-se a partir de premissas e do arsenal de conhecimentos pessoais que entram na elaboração lógica. As premissas podem ser falsas e a soma de conhecimentos insuficientes, além de que temos que começar a considerar que, a par do conhecimento racional, há um outro que não o é, que não é condicionado nem veiculado pelo mental cerebral. As informações obtidas por esse mental irracional, têm ficado quase só ao nível do emocional e têm conduzido a erros na maior parte dos casos, quando passam do inconsciente ao consciente, pois a análise dessa informação é condicionada pelo simbolismo pessoal, pela linguagem simbólica que cada um domina.

Também devemos levar em linha de conta o paradoxo, pois aquilo que transcende o pensamento vulgar, muitas vezes se apresenta verdadeiramente de maneira paradoxal.

Augusto amigo que há muito tempo nos acompanha, transmitiu, de mundos interiores, para nossa edificação, este ensinamento que vos revelo para reflexão e meditação.

“São as forças do mal que são genuínas. Querereis isso dizer que são invencíveis? Não. O que não podeis é remover a pedra que tapa a saída com cordas podres. A Boa vontade portuguesa é podre. A má vontade é firme. Porquê?

Porque não se pode falar com exactidão de boa vontade. Toda a boa vontade está maculada em Portugal (não só) mas aqui no mais alto grau! A subserviência aos padrões negativos que o passado verteu nos propósitos de todos.

Denunciai a Besta dentro de vós, porque ainda que ela lá permaneça, sabeis cada um e todos que ela lá está. A Besta, o mal, que existe no exterior é apenas o reflexo conjunto daquele que existe no íntimo de cada um de vós. Uns emitem a Besta. São seus criadores, outros, a ela sujeitos, apenas a reflectem. Mas serão eles menos culpados? Não.

Porque fazendo por ignorar os malefícios que a Besta possa ter em si próprios, reflectem esses mesmos malefícios no mundo que os rodeia. Cada um poderá responder por si. Ninguém poderá neste caso indicar alguém com o dedo. Mas urge isolar o mal dentro e fora. Criando o Bem, como obra. Quem dos mais exigentes, não considera o Bem como miragem inatingível, criado por oposição a um Mal que conhece e no qual, a esse, sim, dá foros de existência?

Se duvidais da existência do Bem porque abris a boca? Fechai-a para que o mal não feda entre as palavras das vossas boas intenções.”

Isto é o que geralmente se nos apresenta, que facilmente se verifica, e que tem de ser modificado.

Um dos conhecimentos importantes que podemos adquirir das instruções mais ou menos esotéricas sobre o Advento de Aquário, tem a ver com a regência planetária deste signo zodiacal por Urano e a relação deste com o chakra frontal, o centro entre as

sobrancelhas, onde se assenta o Espírito Humano, o lugar mais sagrado em cada um de nós, que se mantém inviolável até para o próprio Deus ou o nome que quiserem dar àquela essência e potência que é nossa origem, nossa protecção e nossa meta.

Repetimos: «Aquário é o Anjo, o elemento aéreo, o volátil que derrama a Água da Vida». Este Anjo é o Super-Homem, o ideal do homem futuro, o homem transcendido para a próxima fase civilizacional. Esta noção do Homem Novo, do Super-Homem que começou a aparecer com a aproximação e crescimento da influência de Aquário que se nota na filosofia de Nietche e nas informações de místicos e ocultistas de diversos quadrantes e que podem ter uma tradução reaccionária ou progressiva conforme os estados de consciência de quem propaga as teorias inerentes e de quem as aceita. Associadas às visões do Homem Novo, se por um lado, temos os paladinos da Liberdade, os destruidores das grilhetas que ao longo dos tempos se tem pretendido e pretendem impor aos corpos e ao espírito humano, grilhetas em cuja destruição tanto se empenharam os verdadeiros Filhos da Viúva, como os fundadores da Nação Americana, os condutores da Revolução Francesa e aqueles outros “mestres d’obras” que projectaram novas formas de convívio e de relações humanas, verdadeiros “kshatrias” que lutaram pela emancipação dos povos de ambos os extremos da Europa, do domínio de reis, de czares e de outros privilegiados tiranetes, para só falar nestes.

Também esta visão do Homem Novo, envolvida em maya e fascinação, era uma das propostas de Hitler, traduzida em louras, supostamente únicas, arianas e pretensamente superiores tropas de assalto com a sigla SS, com as quais pretendia submeter o mundo à sua proclamada Nova Ordem. Seu modelo era Herman, um condutor de guerreiros germânicos que estiveram na origem da criação da Alemanha, modelo com que eram estimulados os jovens do partido nazi. Hoje também se fala em Nova Ordem e o modelo dos novos guerreiros usados para a impor, à falta de melhor, é Rambo. Oxalá o Espírito que presidiu à formação dos Estados Unidos da América triunfe e ajude a estabelecer uma Nova Ordem, não de domínio de um só povo, mas com modelo no Homem Universalista, expressão e executor das multifacetadas experiências do Homem Cósmico, complementares e enriquecedoras umas das outras, e não caíam na ilusão que levou os israelitas separatistas, a não compreender que Israel, o Povo de Deus é toda a Humanidade e não só a sua tribo. Fraco Jeovah, fraco Deus, aquele que só tem por filhos, por escolhidos, os membros de uma única Raça. Será que nem nisto, eles nunca repararam?

Ensina o Cristianismo Esotérico que a razão da expulsão dos Judeus do território que habitavam, na Ásia Menor e a imposição da sua futura condição de Judeu Errante, sem pátria e sem lar, se deveu à sua própria culpa, à sua adesão excessiva ao Espírito de Raça e ao seu separatismo, de se considerarem uma raça superior, que os levou a serem eles mesmos que se auto-segregaram para não se misturarem com os impuros. Depois de tudo e de todo o seu sofrimento, ainda não aprenderam a lição. Claro que não estão sós nesta maya; também seitas cristãs há que afirmam que só se salvam 144000. Elucida-nos o Cristianismo esotérico, ao ensinar que os 144000 são, por razões cabalísticas, a indicação numérica-litera de que se trata da humanidade no seu conjunto.

É necessário não tomar por modelo do futuro “Novo-Homem”, Herman, mas sim Siegfried, outro herói da saga germânica, herói que ouvia e entendia a Linguagem das Aves, dos pássaros que, *empoleirados na árvore, lhe cantavam ao ouvido*. O verdadeiro homem novo é o homem renascido, o duas vezes nascido a que aludem as iniciações. Os

escritos que se referem a iniciações e seus candidatos salientam a necessidade de duas qualidades fundamentais: – ser livre e não ter medo – e que, para isso, é precisa muita coragem. Estas qualidades são necessárias para se ser um verdadeiro homem. Começemos nós a treinar sermos o Homem-Novo, exigirmos aos outros e a nós próprios sermos livres e autênticos, sem medo.

Possamos nós portugueses, a par dos outros povos hispânicos, iberos, os ibereus ou *hebreus* do Ocidente, nós que tanto dizemos «Queira Deus», como dizemos «Oxalá», ser verdadeiros homens, ter a coragem de compreender os nossos irmãos de outras partes do mundo e a coragem de os ajudar a ultrapassar as suas particularidades restritivas que, tomadas como padrão único, não permitem uma sã colaboração entre os povos, e que a evolução pela linha do conflito se desloque dos planos físico e emocional para o mental onde a dor é menor, pois que a dor existe na própria matéria de que é própria, e esta é mais densa nos dois referidos primeiros planos.

Possamos nós, naturais de uma Pátria que é de natureza assúrica, como revelado por grandes místicos, embora daqueles em que praticamente ninguém ouviu falar, Pátria ligada, portanto, àquela Hierarquia que já era humana ainda antes de ter nascido o nosso Sistema Solar, embora este já vivesse em estado embrionário. Falo, claro, daquele Ciclo do Sistema Solar que é conhecido na terminologia Oriental como Cadeia das Trevas de Brahma, e como Período de Saturno, na Cosmogénese Ocidental.

Saturno é co-regente, com Urano, do signo de Aquário, donde, talvez, isso poder explicar, a par da ligação de Portugal à Índia, ao Tibet, à Atlântida e até à mais antiga Lemúria, a continuidade na participação ligada aos grandes mistérios mundiais, à encarnação neste país, que orientaram e dirigiram, de grandes seres cujas raízes mais antigas não são do Planeta Terra, mas contemporâneas, se em termos de tempo, como o entendemos, podemos falar, dessas hierarquias mais antigas que já referimos. Não somos por isso superiores aos outros. Cada povo tem uma experiência a fazer e um contributo a dar à realização do Logos Planetário da Terra, “no qual vivemos, nos movemos e temos o ser”, mas sim uma especialidade que tem a ver com o uso do mental como inteligência e a expressão dessa inteligência, o que, para já, é mais evidente na nossa tradição de grandes escritores, tanto em prosa como em poesia, para os indivíduos de cultura literária, embora os Iniciados, como dizem, afirmem haver outras especialidades mais profundas que aos profanos não nos podem ainda ser reveladas; é preciso dar tempo ao tempo. Essas especialidades profundas reflectem-se numa acção exterior que nos transforma, a todos, em potenciais antenas de irradiação a favor do progresso da humanidade e do seu bem estar, potencial que se pode tornar real se albergarmos em nossos corações um desejo sincero de cumprir esse objectivo. As linhas magnéticas, invisíveis, que nos ligam todos, uns aos outros e ao cosmos, levar-nos-ão ao objectivo almejado.

Embora o povo português seja Filho das Trevas, donde a sua ligação a Saturno, filho de Urano, o torne apto a sentir profundamente a influência de Aquário e a agir dentro do seu raio de acção, o país geográfico está sob a influência de Peixes, o último signo do Zodíaco e que regeu a época passada sob a dominação dos seus regentes Júpiter e Neptuno, o que faz com que Portugal e o seu povo estejam numa situação privilegiada para ser ponto de passagem do velho para o novo, pois embora o ciclo esteja ultrapassado “nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”. Entre estas muitas tarefas de especialidade, cumpramos as visões de Fernando Pessoa e saibamos dar continuidade

ao grande mistério, talvez o maior que não só, mas interessa sobretudo aos portugueses, aludido na totalmente esotérica “MENSAGEM”, pelo poema:

“D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a História é feita.  
O mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo  
Que Portugal foi feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender,

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.”

---

A chamada de atenção para os presságios e augúrios é feita por algumas escolas de pensamento, esotéricas, que ensinam que tudo é magia desde os “agires” mais simples e para nós vulgares e naturais, até aos grandes procedimentos de natureza psíquica e mentais secretos que são do domínio da acção dos tradicionalmente chamados magos e que parecem milagres, aos incultos em matéria de ocultismo. Uma das razões para considerar toda a acção magia, deve-se ao facto de que tudo são adaptações de um determinado protótipo, e eles são muitos, que se vai desdobrando desde o respectivo plano dos protótipos, densificando-se e reproduzindo-se e adoptando formas próprias nos planos planetários em que sucessivamente toma vida, ou seja, passa a existir. Simplificando, o mesmo é dizer que qualquer objecto ou acontecimento existe primeiro nos chamados planos internos, ou também que cada fenómeno que existe neste plano em que temos consciência, é o aspecto mais exterior do que se passa nos mundos psíquicos ou espirituais.

O professor Henrique José de Sousa, porta-voz de uma filosofia para os novos tempos, a filosofia de JHS, chamou a atenção, nos seus ensinamentos, para que estivéssemos atentos aos acontecimentos à nossa volta, por singulares e gratuitos que parecessem; às modificações da Natureza, desde as mais simples que nos chamem a atenção, os presságios dados pelo voo dos pássaros e as figuras das nuvens, passando por acontecimentos sociais dos mais diversos tipos, por aqueles fenómenos que podem ser considerados como os sinais dos tempos.

Há sinais especiais que marcam uma mudança muito grande no mundo. Parece ser do consenso comum que o mundo passou a ser outro, a partir de 11 de Setembro de 2001.

Cada um pode por si próprio, desde que tenha certos conhecimentos, com os materiais de pesquisa à sua disposição e profundamente convencido que não deve procurar fora o que está dentro de si, descobrir um sentido mais profundo da mudança que é marcada por esse dia. Já várias versões foram apresentadas por cultores do Tarot. Mas uma só

análise e ponto de vista não esgota os sentidos e explicações. Outros tipos de análise não invalidam as já feitas, antes, por prolongamento, enriquecem o mundo de explicações e significados. Atrevo-me a aqui apresentar mais uma:

Entre os sinais dados temos o das duas torres destruídas. Duas e não uma; esta seria a “Turrís Fulgurata” ou arcano 16. Arcano ligado à queda da Atlântida e, portanto, a uma grande mudança de ciclo.

Há um arcano que nos mostra duas torres. É o Arcano 18 vulgarmente chamado A Lua. Este arcano 18, com o referido 16, faz parte de um ternário ligado à Atlântida, à sua queda e à sua redenção.

É o arcano da Lua; e a este arcano responde, geralmente, com o estado de consciência que ainda domina na humanidade, o aspecto negativo do emocional, do passado, de certo modo da morte, visto que a lua que vemos no céu, é a representação, a uma escala reduzida de um período de evolução anterior a este, da Terra, e que já morreu.

A “tradição” eubiótica chama a este arcano – “O Caos” – pois que tem o sentido de grande desordem e refere que assinala a luta entre os dois grandes poderes, poderes que se debatem estrategicamente na razão de “Dæmon est Deus Inversus” em lutas que têm por objectivo impulsionarem a humanidade para a frente, para o caminho desobstuído do mental lunar negativo. O Arcano 18 – A Lua, O Caos – tem o sentido de grande desordem ou confusão. É o espírito, a inteligência, totalmente materializada. É a alma caída na matéria. Expressa o ponto mais baixo da evolução e alegoriza o corpo material mantido pelas grandes paixões

Lembremos que os ritos vinculados ao sacrifício de pessoas e de animais são de natureza lunar.

Diz um documento revelador, apresentado em 1972 no Templo de Mitra-Sherin:

“A humanidade está vivendo uma época de alucinação lunar. As criaturas humanas passam por uma fase semelhante ao que já aconteceu na Cadeia lunar, parecendo terem perdido o Eu interior, tornando-se inseguras. Essa insegurança, essa falta de conteúdo, de presença de Deus, propicia-lhes o pavor em relação ao dia de amanhã; daí um pavor interno que se transforma em agressividade e violência. Passam então à agressividade, usando ardis semelhantes, por assim dizer, àqueles de que eram possuidores na cadeia lunar.” E mais adiante acrescenta: “Ora, os dois cães, como saudosistas que são, estão realizando a Ladaínha, como que a evocarem o culto do passado...”.

Aqueles que conhecem os arcanos, lembram-se que há, na figura, dois cães que ladram à Lua, ladeando a taça lunar ou da amargura, confirmada mais abaixo pelo pé que lhe serve de pega e suporte, o “crustáceo” – caranguejo que transforma a matéria putrefacta em matéria prima para novas realizações; lacrau ou escorpião, signo das lutas do discipulado; e também lagosta, símbolo de angústia, da porta estreita da dor, que se abre no Lago da Iniciação, pois que este arcano 18 é também o arcano do Caminho da Iniciação e do grau Rosa+Cruz da Maçonaria.

Adicionado às 2 Torres, foi ferido também o Pentágono, relacionado com o número 5. Se adicionarmos 5 a 18, obtém-se o Arcano 23, que pelo seu lugar, marca o início de um novo ciclo, visto que sucede a 22 que fecha todo um grande ciclo dos 22 Arcanos Maiores. O Arcano 23 é um arcano de recomeço, e aqui marcado pela grande loucura que já vem de longe e se evidenciou em 11 de Setembro e que continuou no Afeganistão, mostrando bem à humanidade que é a hora de acabar definitivamente com os comportamentos lunares, aparentemente do Crescente islâmico, tanto como as reacções emocionais, não menos lunares, dos que querem manter, a todo o custo, o império dos valores lunares do passado e que desencadeiam – medo, fome, peste e guerra.

Também a Lua é um dos planetas regentes de Aquário. Começou pela fase negativa da alucinação e do serviço egoísta de si mesmo. Segundo a Lei, seguir-se-á o serviço altruísta de Aquário, dinamizado, então, e pois que uma das funções da Lua é a ligação ao passado, assim como Vénus faz a ligação ao futuro, dinamizado, repetimos, por uma Lua que traz só do passado, o que de positivo foi obtido; uma Lua positivamente magnética, imaginativa, apresentando ao espírito imagens quase tangíveis e dando uma intuição muito bem desenvolvida.

Para respondermos aos aspectos positivos de Aquário, da Nova Era que chega, é necessário, não ficar à espera, mas, sim, sermos participantes, com verdade e coragem afrontar as atitudes negativas que a nossa comodidade pessoal tem tolerado, pois milagres não há e só obteremos aquilo que construirmos por nós. Se queremos paz viva, e relações fraternas, temos que solidariamente com o próximo, isto é, aqueles que têm sensibilidades e interesses semelhantes, elevarmo-nos e ajudar os outros a elevarem-se, respondendo à sua particularidade pessoal e individual e não segundo padrões, supostamente universais, que sectores não esclarecidos da humanidade pretendem impor.

**Jorge Baptista**